

Raoni e Sting passam chapéu e ganham primeiro cheque

CAIO TÚLIO COSTA
De Paris

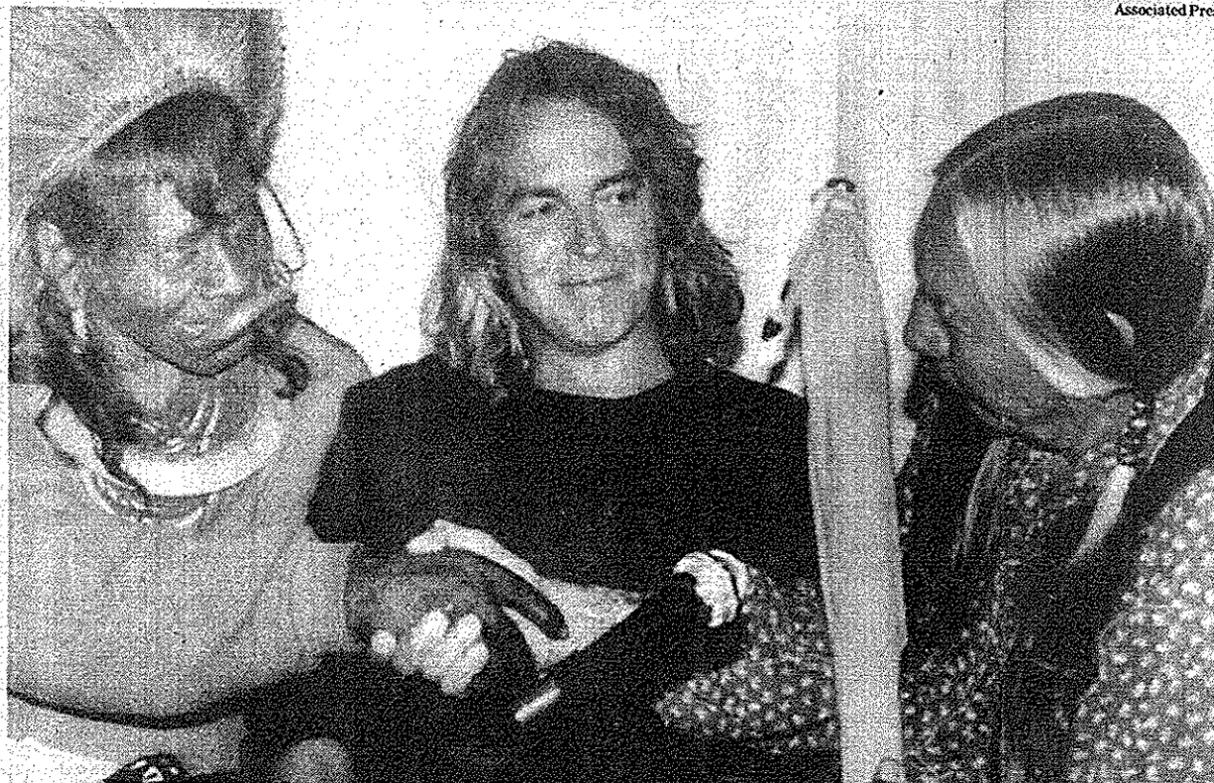
O esforço do cantor britânico Sting e do cacique brasileiro Raoni para salvar a floresta amazônica prosseguiu ontem com mais um show de sensibilização européia. O ápice ficou por conta de uma entrevista coletiva realizada na Casa da América Latina, em Paris, onde cerca de 200 jornalistas internacionais, mais de 30 fotógrafos e exatas dez emissoras de televisão se espremeram para ver, ouvir, gravar, fotografar e interrogar a dupla que mistura exotismo e civilização benemérita.

Foi com sua candura botocuda que Raoni lançou o grito de guerra: "Manda logo dinheiro pra mim começar demarcar tudo!" Como na noite anterior, na televisão, ele estava de cocar (menos espalhafatoso) e o rosto pintado para o combate. Sting e Raoni estão lançando as bases mundiais da "Association pour la Forêt Vierge", ou Fundação Mata Virgem, o nome oficial da organização no Brasil.

Eles dizem que precisam, de saída, de US\$ 3,5 milhões para custear a demarcação de 180 mil km² (seis vezes a superfície da Bélgica) de quatro áreas indígenas, que englobam inclusive o Parque Nacional do Xingu e que passariam a se chamar Parque Nacional Mata Virgem. Segundo Sting, esse dinheiro é para pagar os aviões, comprar rádios, pagar guardas florestais e proteger as reservas indígenas da "deflorestação acelerada". Conforme os entrevistados, tudo está sendo feito com o aval do governo brasileiro.

O primeiro cheque já chegou. Veio do Banco Nacional de Paris (BNP), o mesmo que financiou no começo da década o grupo Lazard Frères e a falida Capemi para explorar a madeira da represa de Tucuruí e vender aqui na Europa. A barragem foi feita, a madeira apodreceu no fundo das águas, estourou um inevitável escândalo político-financeiro e o BNP afogou no caso US\$ 20 milhões de um total de US\$ 100 milhões. Assim, "enternecido" com esta história de destruição florestal, o BNP deu 250 mil francos (US\$ 41,6 mil) para a fundação.

Todo mundo queria saber por que o cantor entrou nessa missão. "Meu nome é Sting e sou um cantor inglês. Estou aqui porque sou amigo de Raoni, estou preocupado com nossas



Raoni cumprimenta o índio sioux Corvo Vermelho, da Dakota do Sul (EUA), ontem em Paris; atrás, o cineasta Dutilleux

crianças e amo o Brasil", anunciou o astro. Ele fez em seguida uma pequena dissertação sobre os problemas do Brasil e especificou o maior, "que não pode ser reembolsado", o da dívida externa. "O Brasil foi escravo de Portugal e agora é escravo dos bancos", afirmou. "O Brasil não deve nada a ninguém, a dívida é do mundo com o Brasil", acrescentou. Conforme Sting, os países do primeiro mundo "destruíram suas florestas e dizimaram suas populações indígenas".

A questão para Sting é de que maneira pode ajudar o Brasil. Decidiu apoiar a criação de uma fundação "modelo" que proteja o verde, os índios e os animais. Uma jornalista alemã perguntou se tudo não passa de autopromoção. "Minha grande ambição é de ser célebre um dia", respondeu. Ajuntou que a celebridade pode ser usada para "coisas boas" e, como tem acesso à mídia, pode "abrir terreno para Raoni e outros índios". Ele prometeu também não fazer, "por enquanto", nenhuma canção sobre a Amazônia: "Os índios têm canções muito mais apropriadas do que eu".

A Folha quis saber por que Sting usa no "spot" publicitário da campanha um mapa que falseia a situação da floresta amazônica em 1900. Mostra toda a superfície do Brasil na cor verde, como se o país inteiro fosse coberto de florestas. A resposta de Sting foi dada pelo cineasta Jean-Pierre Dutilleux, o homem que aproximou Sting e Raoni. Se o mapa "não está exatamente correto", isto é um "detalhe", o que vale é o "princípio". O mapa foi feito para "dar uma idéia geral". Segundo Dutilleux, a fundação tem consultores "especializados" no assunto. Pelo "detalhe" pode-se ter uma idéia da competência de consultores que cobrem o Brasil do início do século com matas tropicais, de sul a norte, de leste a oeste. No spot, Sting usa esse mapa para dizer como "era" o Brasil há cem anos, como ficou agora e como vai ficar no ano 2020: "o Saara".

Mas a campanha prossegue. Da França, a dupla pop-botoque segue pedindo fundos na Bélgica, Suíça, Itália, Grã-Bretanha, Alemanha, Suécia, Noruega, Dinamarca, Holanda, Espanha, Estados Unidos,

Canadá, Austrália e retorna ao Brasil em junho. O governo brasileiro deu um passaporte a Raoni e confiou-o a Jean-Pierre Dutilleux. Ontem eles foram às rádios, estiveram no "Musée en Herbe" (Museu na Grama) para uma atividade ecológico-desenhística com crianças, tinham jantar com o ministro do Meio Ambiente e o ex-ecologista Brice Lalonde e hoje serão recebidos pela mulher do presidente Mitterrand, que preside a Fundação Danielle Mitterrand, ligada às causas do Terceiro Mundo.

O mais bombástico de tudo, no entanto, é a edição desta semana da revista "Paris Match", recheada de fotos de Raoni em Paris. Ele posou ao lado da pirâmide de vidro e da torre Eiffel e se deixa ver com arco e flexa, dos modernos, em plena floresta de Rambouillet. Raoni perdeu aqui um de "seus últimos molares", arrancado pela dentista Françoise Huth, numa "operação" devidamente fotografada, botoque no beico inferior, pela mesma revista. Não há Raoni que dê conta da fome de exotismo do francês.

Estudo do IBGE mostra recursos da Amazônia

Da Sucursal do Rio

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) anunciou ontem a conclusão do primeiro zoneamento feito no país sobre as potencialidades dos recursos naturais da Amazônia Legal, que foi dividida em 16 regiões. Para a área designada Depressão do Amazonas Setentrional —que vai da confluência com o rio Tocantins e a ilha de Marajó, no Pará, ao encontro com os rios Negro e Madeira, no Amazonas—, o IBGE recomenda atividades agropecuárias, devido à fertilidade do solo e desaconselha a colonização.

O IBGE analisou os 5.011.331,4 km quadrados que integram a Amazônia Legal, espaço sob a responsabilidade da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), que financiou o zoneamento. Compõem a Amazônia Legal os Estados

do Acre, Amazonas, Pará, Amapá, Roraima, Rondônia, Tocantins, Mato Grosso e Maranhão.

Na região nomeada Interflúvio Amazonas-Orenoco, que inclui os estados do Pará, Amapá, Roraima e oeste do Amazonas, o IBGE aconselha a exploração econômica dos recursos minerais. Já nos Planaltos da Bacia Sedimentar do Amazonas —nas margens dos rios Solimões, Amazonas e afluentes—, a exploração de minérios metálicos é considerada desfavorável.

A exploração dos recursos da floresta também é aconselhada na Depressão da Amazônia Ocidental, do Mato Grosso à fronteira de Rondônia com a Bolívia. Segundo o IBGE, também deve ser explorada a madeira, os minerais, a agropecuária e o extrativismo vegetal da Depressão da Amazônia Meridional, entre Tucuruí, no Pará, e rio Parnaíba no Maranhão.